

ISRAEL

Um país dividido entre o medo e a esperança

• Página 2

Isaac Bentes analisa o conflito Israel-Palestino e os caminhos que podem levar à paz.

• Página 2

Rabino Bergman: Yom Haatzmaut, naquele dia ocorreu um milagre divino

• Página 4

Isaac Sabbá, um judeu amazônico que ajudou a desenvolver a região norte

• Página 6



Sultana Levy descreve a emoção de passar a Hilulá de Rebi Shimon em Israel

• Página 5

A irreverência de Leão Azulay em entrevistas

• Página 7

Sussman discorre sobre o crescimento do anti-semitismo desde o início da "intifada"

• Página 3

EDITORIAL

Em 5 de Iyar de 5762 (17 de abril deste ano), comemoramos o "Yom Haatzmaut", Dia da Independência do moderno Estado de Israel, após 2000 anos de exílio.

Mais uma vez, celebramos esse dia solene em meio a dor e lágrimas de inúmeras famílias ainda atormentadas pela perda de entes queridos em batalhas sangrentas. Contudo, comemorar os 54 anos desse jovem país é seguramente motivo de orgulho para todos os judeus. A

criação de um Estado, foi sem dúvida um projeto bastante audacioso, apesar do alto preço que pagamos até os dias de hoje.

Ao ver um país livre, desenvolvido e sobretudo democrático, percebemos que valeu a pena todo o sofrimento.

Como todo progresso atrai inveja e intolerância, assim tem sido com o novo Estado de Israel.

Através da mesma resolução da ONU que criou o Estado de Israel, também foi criado um Estado Palestino. Enquanto o povo judeu aceitou-a e tra-

balhou arduamente na construção de seu lar, nossos vizinhos ao invés de investir esforços no estabelecimento de seu solo pátrio, e fundar a sua própria nação, não aceitaram dividir a terra e trabalharam na organização de ações de guerra contra Israel, apoiados pelos países árabes vizinhos com o intuito de expulsar e tomar posse de toda a extensão territorial dividida pela ONU.

A partir daquele momento, originou-se todo o conflito Israel-Palestino que arrasta-se até os dias de hoje. Entretanto, todos esses conflitos não foram ca-

pazes de desviar o povo de seu objetivo principal: manter Israel como o centro espiritual e cultural para onde todos os olhares judaicos se voltam, principalmente nos momentos de oração.

Que se consolide cada vez mais o Estado de Israel, para que possamos semear a paz e a boa convivência com nossos vizinhos e assim, as futuras gerações possam gritar com alegria hoje e sempre:

Am Israel Chai!!!



ISRAEL

Um país dividido entre o medo e a esperança

Israel se prepara para comemorar seus 54 anos de independência em meio a sua maior operação militar em duas décadas. Tradicionalmente esta é a data mais celebrada pelos israelenses, mas este ano as festividades deverão ceder espaço para indagações sobre o futuro do país.

Uma pesquisa de opinião revelou que quase um terço dos cidadãos judeus entre 25 e 44 anos pensam em deixar o país, devido ao medo do terrorismo e à falta de esperança numa solução para o conflito com os palestinos. Hoje, já acontece um pequeno êxodo de jovens, mas a situação ainda pode atingir terríveis proporções, com vários israelenses liberais e decentes deixando o país.

Uri Avnery, 79 anos é uma lenda viva do movimento pacifista israelense. Começou sua carreira política na adolescência, militando na organização terrorista "Irgun", que lutou contra a presença britânica na então Palestina.

"Convertiu-se" ao pacifismo ainda jovem e tornou-se o pri-

meiro israelense a se encontrar com Yasser Arafat, e hoje, lidera o movimento "Gush Shalom" (Bloco da Paz).

-Sou um otimista por natureza quanto ao futuro, sei que no final a paz e a democracia vencerão. A maioria dos israelenses não quer viver num país onde a política oficial é a eterna guerra e as pessoas tenham que servir metade de suas vidas no exército.

Recentemente, Avnery liderou uma marcha rumo a Ramallah, destinada a levar alimentos à cidade palestina ocupada pelo exército. A passeata foi reprimida pela polícia e 20 pessoas ficaram feridas. Avnery reconhece que hoje o movimento pacifista é minúsculo e não ignora uma pesquisa publicada há poucos dias que mostra o apoio de 72% dos israelenses à invasão das cidades palestinas. Mas aposta que seu movimento irá crescer e evitar um possível "desastre sem precedentes".

(Ariel Fingerman, extraído do jornal "O Globo" de 07 de Abril de 2002)

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

O Sr. Jack Leon Terpins (presidente da CONIB), juntamente com o Sr. Berel Aizenstein (secretário geral), parabensam pela iniciativa do lançamento do "Amazônia Judaica":

"É com maior satisfação que acusamos o recebimento do nº 1 do jornal "Amazônia Judaica".

Reconhecemos os esforços e dedicação de todos que participam deste belíssimo e tão importante trabalho, o qual representa a responsabilidade de manter viva a nossa tradição e herança que deixaremos às gerações futuras.

Gostaríamos de parabenizá-los por tão importante conquista que certamente beneficiará toda a Comunidade Judaica.

Despedimo-nos com um caloroso SHALOM, desejando muito sucesso e pleno êxito em vossos empreendimentos!!!

Crise sem solução?

ISAAC BENTES

Poucas vezes, no longo e arastado processo político que envolve Israelenses e Palestinos, a situação pareceu tão desesperadora, para os que acreditam em uma solução.

Sim, uma solução, ponto. Porque não é possível qualificá-la como pacífica, sem incorrer em redundância, estando mais que evidenciado que por outros meios, os violentos, a lugar nenhum se chegará, senão a impasses e um sofrimento prolongado para ambos os povos.

Isso não significa, porém, que a atitude israelense de desenvolver ampla operação militar, buscando eliminar a origem dos ataques terroristas que vinham, cada vez mais, assolando sua população, seja inteiramente injustificada, e represente uma intenção deliberada de negar uma chance à paz.

Para compreender, é preciso traçar um retrospecto de eventos recentes na relação entre Israel e a Autoridade Palestina.

Desde que Arafat recusou peremptoriamente a proposta que lhe fez Ehud Barak, em Camp David, para desespero do premier israelense e do presidente americano Bill Clinton, o cidadão de Israel se viu diante de uma dura realidade: nada obstante as concessões já feitas, e as que haviam sido propostas por Barak - e recusadas - os palestinos não estavam dispostos a firmar uma paz definitiva.

Daí surgiu uma dúvida - dúvidas desse tipo são o maior inimigo de qualquer negociação - no seio na população israelense: a posição palestina era ditada por fatores estratégicos de menor envergadura, apenas para obter algumas concessões a mais na mesa de negociações, ou representava a intenção de utilizar as concessões obtidas nas tratativas de paz, para deflagrar um processo destinado a alcançar o verdadeiro objetivo final da ação palestina, a destruição de Israel?

Quer dizer, os palestinos não estavam prontos ou dispostos, ainda, a firmar a almejada paz definitiva, ou não queriam fazê-lo, simplesmente porque essa jamais fora sua real agenda?

Acontecimentos posteriores tornaram ainda mais fértil o terreno em que foram semeadas as dúvidas sobre a lealdade do parceiro nas negociações de paz. E isso de ambos os lados. Palestinos viram a visita de Ariel Sharon ao Monte do Templo como uma provocação, e a retomada, até o nível do insuportável, das ações terroristas con-



tra os israelenses, tornaram estes últimos absolutamente convencidos de que, hoje, travam uma guerra pela própria sobrevivência, contra um inimigo que insidiosamente se aproveitou das concessões por eles feitas (territórios, autonomia administrativa, aeroporto próprio, estrutura militar-policia, legitimidade para recebimento de verbas internacionais) como armas para atacá-los.

A eleição de Sharon, e a recorrente incapacidade (ou melhor dizendo, inapetência) de Arafat para pôr fim ao terrorismo, em nada contribuíram para elevar o parcíssimo grau de confiança mútua entre os outrora parceiros para a paz. O episódio do contrabando de armas pesadas oriundas do Irã, e a constatação de que mais de 70% dos ataques terroristas eram promovidos por grupos diretamente ligados à Fatah, de Yasser Arafat, levaram a desconfiança dos israelenses (e também, é preciso dizer, dos americanos, que são os únicos que realmente acompanham quotidianamente os fatos) em relação ao líder palestino, aos níveis mais baixos desde o acordo de Oslo, em 1993.

Isso, todavia, não apaga o fato de que ele, o homem de sete fôlegos, Arafat, ainda é o líder mais representativo dos palestinos.

Agora, por paradoxal que possa parecer, e sem abrir mão de lamentar as perdas de vidas, de ambos os lados, a escalada bélica

pode representar um marco, a partir do qual se dará uma retomada do processo de negociações no rumo de uma paz com dignidade e segurança para todos.

Se Israel conseguir reduzir as forças do terror, a um ponto a partir do qual Arafat possa exercer - presumindo-se que ele assim queira - sua autoridade para impor aos palestinos a cessação dos atentados, os reflexos seriam imediatos, a começar pela total retirada israelense das áreas destinadas à AP, e pela reabertura dos entendimentos, seja de forma bilateral ou multilateral.

De uma e de outra parte, os moderados, hoje calados pelo ensurdecedor ruído das explosões de pessoas-bomba e dos disparos dos tanques, teriam espaço para expor suas idéias, e a confiança mútua iria, pouco a pouco, se restabelecendo.

Ter-se-ia, então, uma lídima esperança de renascimento das aspirações de paz dos homens de boa vontade que, com certeza, ainda existem de lado a lado.

Oxalá assim seja.

Isaac Bentes é Advogado e mora em Belém. Especial para AJ

Amazônia JUDAICA

O Jornal AMAZÔNIA JUDAICA

É um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia.

Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 378 / 303

Cep.: 66.035-340 - Belém - PA.

Tel.: (91) 241-7656 - Fax: (91) 222-3184

e-mail: amazoniajudaica@interconnect.com.br

Diretor Geral
David Salgado Filho

Diretor de Redação
Rubem R. Serruya

Conselho Consultivo
Jacob Messod Benzecry; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmesany; Samuel Isaac Benchimol; Celso Neves Assayag;

Colaboradores
Raquelita Athias; Simone M. Salgado; Clara Azulay; Abraham Benmuyal; Mário Antônio Sussman; Marcos Serruya; Rabino Moshe Berg Man; Isaac Bentes e Sultana Levy Rosenblat

Correspondentes em Manaus
Jorge Ney Bentes

Arte e Impressão
Empresa Jornalística e Editora Gráfica M.M. & Lima Ltda.
Rua 28 de Setembro, 283. Fone: (91) 224-5301
Fone/fax: (91) 241-6219 - e-mail: moraes@amazonline.com.br

Assinatura anual - R\$ 20,00 (vinte reais)

Preço do exemplar - R\$ 2,00

Os artigos assinados neste jornal, são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do AMAZÔNIA JUDAICA.

Outra vez o ovo da serpente

MARIO ANTÔNIO SUSMMAN

A atual fase do conflito no Oriente Médio, a despeito de direcionar-se a violência a alvos cada vez menos convencionais (não-militares), mantém como motivação da disputa objetivo que se enquadra na geopolítica clássica: a possibilidade de coexistência de dois estados que não lograram implantar-se pelas vias diplomáticas e insistem em alternativas bélicas que surpreendem por serem cada vez mais desvairadas.

No doloroso processo tem-se conseguido não-desprezível êxito em separar as ações do estado israelense da comunidade judaica mundial, predominantemente religiosa, da mesma maneira que a barbárie da Al Qaeda, que ultrapassou em muito o que de pior já fizeram reciprocamente os beligerantes do Oriente Médio, foi isolada do islamismo, ou seja, cuidou-se de não confundir-la como consequência necessária deste.

Com a escalada atual do conflito, sinagogas, associações judaicas (até um cemitério tentaram incendiar), localizadas em outros países, sem ligações com o estado israelense, voltaram a ser alvos de atentados, agora com maior frequência. As condenações por não-judeus, quando ocorreram, foram pífias.

As ações ultrapassam os limites da disputa geopolítica, sob as quais pretendem-se, que atingir sinagogas e associações judaicas é "legítimo", como se fossem "ajudar" à pacificação quando, óbvio, ampliam geograficamente a violência. A aceitação, tácita ou expressa, da renovação desta fase, agora mais intensa e perigosa, volta a gestar o ovo da serpente do anti-semitismo.

As ações ultrapassam os limites da disputa geopolítica, sob as quais pretendem-se, que atingir sinagogas e associações judaicas é "legítimo", como se fossem "ajudar" à pacificação quando, óbvio, ampliam geograficamente a violência. A aceitação, tácita ou expressa, da renovação desta fase, agora mais intensa e perigosa, volta a gestar o ovo da serpente do anti-semitismo.

As "acusações" de condenáveis ataques aos palestinos (na verdade a insanidade talvez seja o único ponto comum aos dois

lados, haja vista Saddam Hussein ter aumentado de dez para vinte e cinco mil dólares o "prêmio" a famílias dos terroristas suicidas - Folha de São Paulo 04.04.02) deixa de se direcionar a Israel, um estado igual ao Brasil, para tentar levar a "culpa" aos judeus de todo o mundo que, por consequência, devem ser combatidos onde quer que se encontrem.

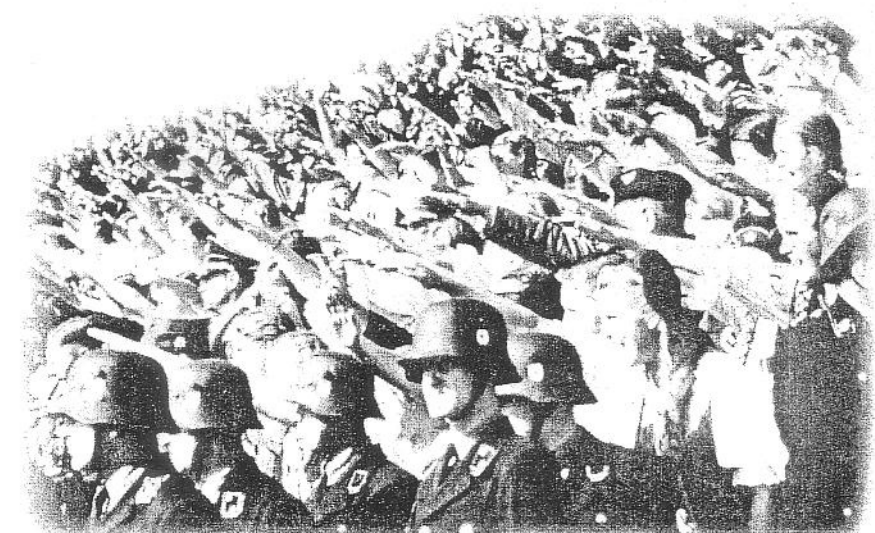
II

Impressionou que depois de mais de setenta anos de estado totalitário oficialmente ateu, o colapso da União Soviética tenha revelado a sobrevivência da Igreja Ortodoxa, sobretudo na Rússia.

Tragicamente, à medida em que a memória dos campos de concentração nazistas foi-se distanciando no tempo, mais do que a banalização do mal, referido por Hanna Arendt, depois do desmoralizado "revisão histórico" que procurou negar o Holocausto, talvez se esteja entrando numa fase em que toda a barbárie ocorrida tenha perdido o significado, talvez precedendo outra mais terrível de "justificar" as suas alegações a partir do conflito no Oriente Médio, que só pode ter de pior a retomada gradativa do projeto de extermínio, já então previamente exposto como "inevitabilidade".

Não menos tragicamente, o Holocausto iniciou-se com a queima de sinagogas e os ataques às associações judaicas, exatamente a fase que de novo agora ameaça consolidar-se.

Árabes e muçulmanos de todo o mundo devem prezar-se para não se deixarem instrumentalizar pela e para a barbárie (da mesma maneira que os judeus em relação ao ódio, sobretudo ao ódio coletivo, este sim, característica nazista) e, o que é mais importante, as ações generalizadas contra os judeus são o preâmbulo que acabará por alcançar os árabes, onde quer que se encontrem. Usarão contra eles até a propagação do próprio anti-semitismo a que supostamente teriam dado causa. Os árabes já foram vítimas também desde as Cruzadas, tema que dá arrepios ao Papa João Paulo II pelas sombras que rememora.



Na França a direita é mais virulenta contra os árabes do que contra os judeus; na Alemanha, por causa da imigração, mais contra os turcos, sem no entanto excluir o Islam; na Bélgica os judeus costumam ser tolerados e os árabes discriminados. E assim por diante.

III

A Alemanha nazista "sistematizou" o genocídio, mas recebeu enorme voluntariedade nos países que ocupou, da Ucrânia à Polônia, passando por episódios na própria França cuja honra nacional foi salva pelo grande Charles de Gaulle.

Encerrada a II Guerra, poloneses judeus que retornaram foram massacrados por seus compatriotas, muitos motivados para manter as propriedades de que se apossaram.

É sobre o pano de fundo do conflito do Oriente Médio que a serpente do anti-semitismo depositou o seu ovo. Como antídoto é preciso racionalidade: 1) Há sofrimentos inenarráveis dos dois lados; 2) Há manipulações internas e externas; 3) É preciso um lapso de tempo, nem que seja um mês, sem atentados, ocupações, retaliações etc., para que a ira se afaste e a racionalidade se aproxime; 4) Todos devemos procurar o antídoto contra o ódio, em particular contra o ódio coletivo; 5) Faço negócios, tenho clientes árabes no escritório de advocacia (em associação com o Dr. Carlos Abener, casado com amiga de muitos anos de origem árabe. Adoro a comida árabe, sou amigo de vizinhos árabes, meu irmão mais velho em São Paulo é casado com uma síria há trinta anos cuja família recentemente nos ofereceu jantar com deliciosas comidas típicas, sou amigo do Afrânio e do Rui Sá, filhos do

Todos devemos procurar o antídoto contra o ódio, em particular contra o ódio coletivo

Dr. Rubim e da D. Soraya por quem sempre tive o maior carinho e deferência, da família Hauache, para não falar no Adib, no Omar Aziz, no Abraham da Amazon Ervas, Isper, Frank e Fausto, amigos desde a alfabetização etc, etc. Por que, à maneira de Vinicius de Moraes, não mais que de repente, nós nos deveríamos ver com olhos diferentes?

O alerta cabe porque não-árabes e não-judeus estão procurando contaminar este convívio permitido pela brasilidade que nos é comum. (Uma charge, inspirada em poster da revista Mad mostrando um hippie crucificado em seringa para drogas, com Arafat, que, como Sharon, jamais pregou o Sermão da Montanha, crucificado em estrela de David, antes símbolo do Judaísmo do que do Estado de Israel, não sei se ofende mais os judeus do que os cristãos).

O Oriente Médio é tragédia que exige vinculação da humanidade para a paz, não para intensificar a dor terrível que não pára de se multiplicar. O anti-semitismo - que ao fim acabará vitimando árabes e islâmicos - é perigoso componente adicional que leva a barbárie a ultrapassar talvez o último dos limites.

Há muita gente procurando tirar vantagens com o mínimo de riscos. Já começaram a "carnavalizar". Cláudio Humberto sugeriu que oferecessem

a Arafat também um poster do Romário. Daqui a pouco vão propor bandeira de escola-de-samba. Embora o alvo da ironia fosse o MST, impossível desconhecer que há tragédia em desdobramento. A TV não mostra as mães dos chamados homens-bombas quando choram, nem dos que morreram na rua. Nem as lágrimas das famílias israelenses quando chegam os corpos dos soldados e dos jovens que apenas conversavam sábado à noite em algum bar.

Se individualizarmos as situações talvez nos daremos conta de que são pessoas e não atores (de TV) vítimas de conflito de difícil solução e é obscuro, de alguma maneira, direta ou indireta, torná-la ainda mais difícil.

Alah Akbah (D'us é Grande), Ado-nai Ehad (O Senhor é Único). E nós somos os bárbaros e idiotas que nos escravizamos ao ódio, talvez a pior idolatria, o que ambas as religiões condenam.

Mario Antônio Susmman - Advogado
Artigo publicado no jornal "Amazonas em Tempo"
Domingo-07/04

CASA REBELO

Alberto Rebelo e Cia. Ltda.

Materiais de Construção, Ferragens em Geral e Artigos para Pesca

Fones:

234-8462

233-3405

Fax 633-2690

Rua Barão de São Domingos, 73
Centro - Manaus - Amazonas

Centro KOSHER

Sua padaria Kasher com os mais variáveis produtos: pães, salgados, doces, bolos e tortas diversas.

Encomenda pelos telefones

9984-4031

241-0904

Tv. Dr. Moraes, 37 - Nazaré, na Sede do CIP - Belém - Pará

BEV ZION IND. E COM.

Solidariza-se com idealizadores do Amazônia Judaica em prol do Judaísmo da Região.

Rua Marechal Deodoro, 75
2º andar Sala 05 - Centro
Manaus - Amazonas



RABINO MOSHE BERGMAN

Na primeira semana do mês de Yiar, dei uma aula na Sinagoga do BNEI AKIVA de Higienópolis sobre a importância de comemorarmos o Iom Haatzmaut como as demais Festas do calendário judaico, e as reações foram surpreendentes.

Isto se deve a que, a maioria das pessoas, consideram Pessach ou Chanucá datas religiosas por excelência, enquanto Iom Haatzmaut, o dia da proclamação da independência do Estado de Israel, é considerado uma data meramente cívica.

Tentarei nestas linhas expor e explicar os fundamentos desta colocação, conforme estabelecido pelo Rabinato Chefe de Israel no ano da fundação do Estado.

Uma das bases centrais e fundamentais do Judaísmo é o dever de louvar a D'us por um milagre ou graça obtido. Toda pessoa que atravessa em paz o mar ou o deserto deve louvar e agradecer a D'us perante a congregação, conforme ensina o Salmista (107: 21-22): "Louvai ao Eterno por sua bondade e pelas maravilhas que realiza em favor dos seres humanos. Tragam oferendas em ação de graças e com júbilo exaltem Suas obras".

E realmente assim o fazemos ao proclamar a bênção Hagomel na hora da leitura da Torá, na Sinagoga.

Da mesma forma, uma pessoa que sobrevive a um grave acidente de carro, por exemplo, deve preferir uma bênção especial ("Bendito sejas Tu, Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que realizaste um milagre para mim neste local") toda vez que passar naquele local.

E não só ele: seu filho e neto também (vide Shulchan Aruch - Código de Leis Judaicas - capítulo 218 parágrafo 4).

Quem se recorda da situação vivida em Israel em 1948, certamente reconhece o grande milagre ocorrido naqueles dias. Eram quase meio milhão de judeus contra mais de 40 milhões de árabes hostis, armados e treinados, que o cercavam.

Objetivamente falando, a



chances de sobrevivência do recém-criado Estado eram nulas. O resultado previsto era o mesmo da finada comunidade judaica de Hebron, massacrada impiedosamente pelos árabes em 1939.

A salvação dos habitantes de Israel naquela época foi de uma morte certa para a vida, e incluía-se aí todos os judeus, pois Israel transformou-se num porto seguro para toda a Diáspora, freqüentemente abalada por ondas de antissemitismo.

Além do aspecto físico a fundação do Estado de Israel constituiu a redenção espiritual do povo judeu. Com a destruição dos centros judaicos da Europa durante o Holocausto e o vácuo espiri-

tual resultante desta catástrofe, caracterizado pelo alarmante nível de assimilação que grassa em todas as comunidades judaicas da Diáspora até os nossos dias, a fundação do Estado de Israel e sua consequente transformação em centro espiritual do povo judeu, reverteu esta situação. Jamais o povo judeu teve tantas Yeshivot em funcionamento, sábios em



Torá, Rabinos com poder de decisão em questões haláchicas e estudantes de Torá como hoje em dia, em Israel. Além disso, centenas de Centros de Estudos, universidades que lecionam Talmud e filosofia judaica e cursos de identidade judaica dedicados à preservação e difusão do judaísmo em Israel e na Diáspora, através

Eram quase meio milhão de judeus contra mais de 40 milhões de árabes hostis, armados e treinados, que o cercavam.

do envio de emissários especialmente treinados para este fim. E difícil encontrar um rabino em qualquer parte do mundo que não tenha feito parte de seus estudos em Israel. Em suma, é difícil sequer imaginar a situação espiritual

do povo judeu hoje se não fosse a fundação do Estado de Israel.

Torna-se óbvio que a fundação de Israel - um fato que, há 100 anos, era considerado

um mero devaneio de Theodor Herzl - constitui uma indiscutível salvação milagrosa do povo judeu. E como dissemos no início, é nosso dever, religiosamente falando, louvar a Deus por cada grande fato que nos acontece.

Mencionamos

acima como deve-se proceder quando acontece um fato milagroso a alguém em particular. Mas quando o fato acontece a um grupo de pessoas, a literatura judaica está recheada de exemplos claros de como deve-se proceder a fim de transformar esta data em uma festa de louvor a D'us.

A finalidade da fixação das festas de Chanucá e Purim era, como rezamos na prece "Al Hanissim", "a fim de que posamos dar agradecimentos a Teu Nome por Teus milagres, obras maravilhosas e salvação." O Talmud (meguilá 14a) explica que os sábios da época de Esther e Mordechai deduziram a obrigação de instituir a festa de Purim da própria Torá; "Se no êxodo do Egito, ao saírem da escravidão para a liberdade, declaram um cântico na travessia do mar, ao escaparem da morte certa para a vida, não é lógico que tenham de celebrar? O Talmud acrescenta ainda que a prece de "Halel" não foi instituída então devido ao milagre de Purim ter acontecido fora da Terra de Israel.

Desta passagem do Talmud inferimos a obrigação do povo judeu de fixar uma data festiva, com a recitação da prece de louvor (Halel) por eventos miraculosos que ocorram na Terra de Israel. Saliente-se que em Purim rendemos

verdadeiro sentido do Iom Haatzmaut não é outro senão porque "Imenso é nosso regozijo pelas maravilhas que fez por nós o Eterno."

graças pela salvação física, Chanucá pela ritual, enquanto Iom Haatzmaut ambas!

Na verdade se analisarmos seriedade a variação judaica encontraremos festas de "Purim" diferentes, ins-

das por diversas comunidades ao longo dos séculos, para lembrar uma salvação específica (vide Shut Mahari Alshazar 49, Shut Chofetz Chaim 191 e Maguen Avraham sobre o Shulchan Aruch).

A conclusão de tudo exposto acima é que celebramos o Iom Haatzmaut, assim como o Iom Yerushalayim, pelos milagres ocorridos na guerra dos seis dias, em 1967, e pela obrigação rigorosamente religiosa, semelhante a de celebrar Purim e Chanucá. O verdadeiro sentido do Iom Haatzmaut não é outro senão porque "Imenso é nosso regozijo pelas maravilhas que fez por nós o Eterno."

Antes de concluir, c salientar que o próprio Tali (meguilá 7a) registra que quando a rainha Esther decidiu instituir a celebração de Purim, boa parte dos sábios sua época negaram-se a fazê-lo, no início, pois não queriam inovar celebrando uma festa que não constava na Torá. Só concordaram depois de acalorados debates. Ciro de Esther (9: 29) relaciona o mesmo com relação ao povo até que se difundiu e errou-se o costume. Com a criação da Chanucá, encontramos inúmeras controvérsias nas mesmas gerações após o nascimento sobre como acender as velas, quantas velas, etc.

Com o povo judeu é sim mesmo: é difícil estabelecer novos decretos e decisões mesmo legítimas.

Mesmo que leve algum tempo, no final o Iom Haatzmaut acabará se enraizando e tornará uma festa de louvor comemorada tanto pelo público religioso como pelo laico.

"Louvai ao Eterno, porque Ele é bom; eterna é Sua misericórdia" (Salmos 107: 1).

Extraído do Jornal "Tribuna Judaica"

EV®
SEGUROS
242-1016

Seu futuro lhe pertence.

9985-3111
Miguel Athias

Fazendo sua previdência privada complementar com a EV Seguros você coloca em suas próprias mãos a responsabilidade de um futuro tranquilo. A EV tem linha direta com todas as melhores seguradoras do mercado. Você escolhe quanto quer investir, como vai fazer, por quanto tempo e o tipo de produto. A EV Seguros faz o resto.



Serzedelo Corrêa, 900
Telefax: 242-0790
Fones: 224-0094
252-1958

Sua diversão garantida nas melhores máquinas de bingo eletrônico da cidade. E com um pouquinho de sorte...hum!!! Você garante muito mais.

Hilulá de Rabi Shimon em Israel



NA LEVY ROSENBLATT

ma das razões que mais aia a Israel era visitar o o de Rabi Shimon Bar . Rabi Shimon faz par-ossa família, da vida dos sefaradim, provenien-Marrocos. Crescemos lo seu nome diariamen-odo instante, entre as omuns expressões, em om tons de exclamação.

um susto, Shimon! Se riança cor-isco de cair Shimon!", e nça não cai. esares, nos ugúrios, em er situação premente, se para ele.

pesar da religião judai-denar a efígie da figura na, o suposto retrato de himon sempre ocupa o de honra nos lares, em es molduras, nas salas, i pequenas, à cabeceira rfermos e das parturien-omo o elixir caseiro, Rebi n é bom para tudo. A maneira de demonstrar-ossa gratidão pelas gra-ue dele recebemos, é

prestar-lhe homenagem na sua Hilulá.

Era meu grande desejo participar de uma Hilulá em Israel, onde esta celebração se efetua no próprio lugar em que se encontra o túmulo do Tzadik, como é também chamado por nós, judeus marroquinos. Tive a sorte de realizar esse desejo. O espetáculo que presenciei não somente impressiona, como é único. Embora houvesse recursos para pintar em palavras o colorido, o movimento agitado de peregrinos, o toque religioso, as atividades profanas, faltaria ainda o intraduzível - a emoção que nos domina. Aqui está o nosso Amigo. O nosso eterno Companheiro. Nós o encontramos, enfim, e lhe falamos frente a frente, de alma a alma. É aniversário de sua morte. E, no entanto, é com uma festividade que a data é celebrada. Acontece que esse dia marca também Lag-ba-Omer, ou seja, o trigésimo terceiro dia entre Pessach e Shavuot, quando cessou a estranha epidemia que matou

milhares de discípulos de Rabi Akiva bem Yossef, o mestre de Rabi Shimon. De qualquer forma, Lag-ba-Omer tornou-se feriado, um dia de folga, suspendendo todas as abstenções impostas durante o Omer, o período de luto por aqueles mártires.

Rabi Shimon e apenas mais quatro outros discípulos de Rabi Akiva foram os únicos que escaparam vivos da epidemia, que coincidiu com a época da fracassada revolução liderada por Bar Kochba contra os romanos. Veio a morrer, com idade avançada, justamente num Lag-ba-Omer. Da sua vida atribulada, decorrida nos meados do século II na época das perseguições adriânicas, passou 12 anos, em companhia do seu filho Eleazar, oculto numa caverna fugindo a uma sentença de morte. E, por milagre, sobreviveram. Nunca perdeu a fé e nunca se afastou dos livros. Estudou a Torá, no seu ponto de vista, devia ser a obrigação fundamental de um judeu. Conseguiu fundar a Yeshivá de Jerusalém, e, conforme sonhava, seus restos mortais foram enterrados na Terra Santa.

vros, artefatos de cobre, peças de artesanato. Os camelôs apregoam, aos gritos, suas quinquilharias, e velhos de longas barbas, sentados no chão ao lado de bugigangas, esperam em silêncio que as comprem, por caridade. O vozerio se confunde com o alarido dos alto-falantes e o som estridente de instrumentos musicais. Uma verdadeira festa de regozijo judaico.

Os chassidim dominam a Hilulá de Rabi Shimon. Em realidade, apossam-se do ambiente. Portões adentro, enchapelados, os homens dançam segurando ombros ou mãos uns dos outros, ou se exibem em passos cadenciados equilibrando à cabeça uma garrafa. Tocam instrumentos de sopro e de corda. Carregam nos ombros os filhos pequenos. No dia de lag-ba-Omer, pela primeira vez, cortam os cabelos dos meninos de três anos de idade. Segura pelo pai, a criança protesta aos berros contra o barbeiro que, com enorme tesoura, corta-lhe os cachos de cabelo, deixando em destaque a mecha dos peiot. Ao mesmo tempo em que os homens celebram o acontecimento na animação dos bailados, as senhoras, carregando cestos, distribuem pãezinhos à assistência feminina.

Enquanto isso, no recinto sagrado onde Rabi Shimon repousa, aglomeram-se os fiéis que lá vão apenas com o fim de o zorear. Tudo é simples e modesto, no local. Não é permitido falar alto, tirar fotografias, acender velas. As velas são atiradas inteiras para dentro do gradil que cerca o túmulo do Tzadik. Das paredes pendem centenas de fitas, ali penduradas lembrando súplicas ou como pagamento de promessas. O rumor nesse local é apenas qual um zumbido. Contígua a essa sala, há um grande espaço cercado de grades, dentro do qual mulheres, sentadas no chão, rezam, lamentam-se ou simplesmente mantêm-se silenciosas em meditação. Não são fanáticas. São criaturas que têm um drama na vida e re-

Organizam feiras onde vendem de tudo, a começar pelo retrato de Rabi Shimon.

correm a Rabi Shimon Bar Yochai para que ele interceda junto a D'us. E esperam por um milagre ou pelo menos um consolo.

Para elas,

Rabi Shimon deve ser apenas um Tzadik milagroso. Assim como foi sempre para nós. Nunca procuramos saber como escreveu o Zohar, nem tentamos conhecer os caminhos da Cabalá, da qual ele é o grande mestre, nem sequer repetimos suas máximas filosóficas ou investigamos como decorreu sua vida. Para nós, Rabi Shimon era o Tzadik dos milagres, o nosso companheiro de cada instante, o protetor da nossa família.

Nos meus tempos de menina, a Hilulá de Rabi Shimon era a festa mais ansiosamente esperada, a mais brilhante da coletividade de Belém do Pará. Era uma destá de todos, sem seleção. Festa de cada um. Iniciava-se com uma quermesse. As moças preparavam trabalhos artísticos, exibidos como em competição, que eram disputados em lances fabulosos. Não havia uma só pessoa que deixasse de enviar sua contribuição para a Hilulá. Era como um dever sagrado do qual ninguém queria se eximir. E, assim, empilhavam-se dezenas de objetivos, os mais valiosos, os mais modestos, conforme as posses e habilidades de cada um, e o resultado de sua venda era distribuído entre os necessitados da comunidade. Era uma Hilulá maravilhosa!

Sultana Levy Rosenblatt
Publicado na revista
Morashá edição 28

BRASCOMP
COMPENSADOS
DO BRASIL S.A.

A Brascomp

Parabeniza o Amazônia
Judaica, pela iniciativa de
unir e divulgar o
Judaísmo Amazônico.

Distrito Industrial
Ananindeua - Pará



R. BAR YOCHAI



O judaísmo em livros

**Adquira sua oferta para as
Hilulot na H'aaí Books. Novidades
em presentes e livros**

Tv. Dr. Moraes, 37 - Nazaré | Belém - PA
Fone: 55 91 223-4671 | Cep.: 66035-080

Rabi Shimon repousa ao lado do seu filho Eleazar, no alto de uma colina em Meron, na Galiléia. Para lá sobem, em Lag-ba-Omer, dezenas de milhares de peregrinos. Começam a chegar desde a véspera. Armam tendas onde passam a noite toda, ou ficam mesmo ao relento, cantando e dançando ao redor de fogueiras. Instalam-se em toda a área da colina, de cima a baixo. Muitos vestem roupas típicas do seu país de origem. Organizam feiras onde vendem de tudo, a começar pelo retrato de Rabi Shimon, em todos os tamanhos. Por todo lado há barracas com comestíveis, mesas com pilhas de li-



ISAAC BENAYON SABBÁ

Pioneiro na industrialização do Amazonas

Isaac Benayon Sabbá nasceu no dia 12 de fevereiro de 1907, na cidade de Belém, capital do Estado do Pará.

Em 1922 veio para Manaus acompanhando seus pais.

Iniciou sua vida como auxiliar de escritório de representação, teve oportunidade para fazer o curso superior, limitando-se ao ginasial. Trabalhando intensamente o jovem Sabbá procurava ler tudo nas horas vagas que lhe sobravam.

Adquirida a experiência necessária, em 1930 associando-se a um dos seus irmãos fundou a firma J. Sabbá & Cia., com o ramo de representações. Porém, verificou que eram limitadas as possibilidades desse ramo de negócios e se transferiu para uma firma de exportação. Teve início, então, uma espécie de comércio interestadual, enquanto as firmas exportadoras do Amazonas, então existentes, empregavam suas atividades quase que somente no comércio exterior.

Eclodida a II Guerra Mundial, o Governo Federal estabeleceu o monopólio da borracha. A empresa em que Isaac Sabbá dirigia já respondia por 64% da totalidade da borracha exportada pelo Estado do Amazonas, mas a medida governamental não quebrou o ânimo do industrial, sendo o pioneiro no processo de industrialização dos produtos extrativos da Amazônia.

Desligou-se da empresa exportadora e fundou a firma individual I. B. Sabbá que, posteriormente, foi alterada para I. B. Sabbá & Cia. Ltda., com a participação de seu sobrinho Moyses Israel.

Pouco antes do estabelecimento do monopólio estatal em 1942, havia fundado a Companhia Mercantil Comissária e Exportadora, hoje transformada em Desenvol Sociedade de Desenvolvimento da Amazônia Ltda., com o objetivo de incrementar os negócios de goma elástica. Referida sociedade estava aparelhada de embarcações que sulcavam todos os rios do Estado, em busca do látex. A Desenvol, como é conhecida, participa com capitais em todas as organizações pertencentes a Isaac Sabbá.

Ainda durante a Guerra criou a Jacy Paraná Ltda., na área do atual Estado de Rondônia, também com objetivo de aumentar a produção de borracha.

Ampliando seu campo de ação, Isaac Sabbá instalou prensa de juta na capital do Amazonas, Itacoatiara, Borba, Novo

Aripuanã, Nova Olinda do Norte e outros municípios.

Com o aumento rápido de consumo das gomas de mascar ocorrida após a II Guerra Mundial, montou uma usina de desidratção de matérias-primas, com o fito de assegurar no mercado internacional a colocação dos produtos amazonenses. O mesmo sucedeu com as castanhas, que hoje são desidratadas em usina devidamente aparelhada, pelo processo de raios infravermelho.

Compreendendo as fraquezas do meio amazonense, caracterizada pela pobreza de recursos financeiros para a exploração de suas imensas riquezas naturais, estudou e colocou em prática um sistema de financiamento que beneficiava o produtor do interior do Estado.

Sempre atento às peculiaridades do problema econômico regional, verificou o grande capitão da indústria que não era possível aumentar a produção de matérias-primas sem uma garantia de suprimento de combustíveis, a preços mais reduzidos, aos recantos mais longínquos da Amazônia.

Surgiu daí a idéia de construir a Refinaria de Manaus que, na época, quando o dólar dos Estados Unidos estava a 18 cruzeiros, custou 80 milhões de cruzeiros. Para torná-la realidade fundou a Companhia de Petróleo da Amazônia. A refinaria, funcionando desde 1956, abastecia durante a sua direção toda a região amazônica e parte do nordeste.

Entretanto, apenas produzir combustíveis não era suficiente, mais importante era torná-los acessíveis a outros centros consumidores. Assim, através da organização I. B. Sabbá & Cia. Ltda., empresa distribuidora autorizada pelo CNP, uma rede de terminais foi construída. Manaus, Porto Velho, Belém, Santarém, Rio Branco, São Luiz, constituíram etapas sucessivas de um trabalho objetivando a integração da Amazônia na vida econômica do País.

Em 1971 associou-se a Shell Petróleo S.A. e constituíram a sociedade Petróleo Sabbá S.A., que assumiu as atividades do Departamento de Petróleo da I. B. Sabbá & Cia. Ltda., permanecendo esta com as atividades de pesquisa, lavra, exploração compra, industrialização e venda de produtos minerais e industrialização e exportação de produtos regionais.

O lema de Isaac Sabbá tem sido sempre reinvestir os lucros

de seu trabalho em projetos de vital interesse para a Amazônia, mencionando-se como exemplo, a Companhia de Petróleo da Amazônia, a Companhia de Navegação da Amazônia que foi mais um capítulo de suas atividades, a Fiação e Tecelagem de Jute Amazônia S.A., e a Madeiras Compensadas da Amazônia Cia. Agro-Industrial COMPENSA.

Isaac Sabbá participou dezenas de anos da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas, tendo exercido a sua presidência em 1958. Além disso, foi membro do Conselho Técnico de Economia e Finanças durante a interventoria Júlio Nery e exerceu na 1ª. administração do Governador Gilberto Mestrinho, importante função no Grupo de Estudos para o Desenvolvimento do Estado do Amazonas (GEDE).

Por outro lado, designado pelo Governo Federal como membro da Zona Franca de Manaus, sua atuação se fez sentir na solução de importantes aspectos e fazendários da regulamentação da Zona Franca de Manaus.

Foi Isaac Sabbá quem construiu o Hospital Militar de Manaus, juntamente com Aristóteles Bonfim, Elias Ferreira da Silva e Alvaro Sinfrônio Bandeira de Melo. Na época, a verba federal para a construção do hospital ia ser devolvida por não ter uma empresa que pudesse se responsabilizar pela obra. Sabbá reuniu três amigos e criou a Eletro-Ferro Construções S/A e

construiu o hospital que até hoje serve à altura aos seus objetivos.

Quando a CEM – Companhia de Eletricidade de Manaus – se implantou na cidade teve Isaac Sabbá como avalista das promissórias para levantamento dos recursos necessários juntos aos bancos com a finalidade de pagar a folha dos funcionários. Colocou, também, todos os equipamentos e máquinas de sua refinaria à disposição da nova empresa, sem ônus, apenas com o intuito de ajudar.

Isaac Sabbá também ajudou a criar e quem socorria o BEA – Banco do Estado do Amazonas, nos momentos mais difíceis, emprestando-lhe dinheiro sempre que as necessidades de caixa da instituição às exigia.

Entre tantas outras, Isaac Sabbá foi homenageado como "Homem de Visão" (promoção da revista Visão), em 1960, e foi matéria de Veja, Manchete, Fatos & Fotos, Time (que o chamou O Rei da Amazônia), Universal News, Brazilian Business e muitos outros veículos de circulação nacional e internacional.

Sabbá se considerava amazonense e muito se orgulhava do título de Cidadão Benemérito que a Municipalidade de Manaus lhe conferiu como reconhecimento pelo que ele fez pela cidade e pelo Estado.

Casado com a Sra. Irene Gonçalves Sabbá, teve 4 filhos: Moisés, Alberto, Mário e Esther. Isaac faleceu no dia 26 de março de 1996.

OPINIÕES

"A história deste homem confunde-se com a história do comercial e industrial do Estado. Um verdadeiro exemplo de homem e de empresário".

Belmiro Vianez Filho

"Um dos maiores industriais e fundador da indústria no Amazonas. Um homem que sempre acreditou nas possibilidades amazônicas e que através da implantação da refinaria, apostou na nossa capacidade de produzir o nosso próprio petróleo".

José Nasser

"Lembro do espanto que significou a decisão dele em implantar uma refinaria, enquanto Manaus não tinha nem luz elétrica e sequer uma dúzia de automóveis. Um exemplo para todo país, uma página para a história do Amazonas".

Arthur Neto

"Sem dúvida o verdadeiro pioneiro da industrialização no Amazonas".

Cristovão Marques Pinto

bemol

Congratula-se e parabeniza a iniciativa arrojada e audaciosa da Amazônia Judaica em divulgar o judaísmo na região amazônica.

LEÃO AZULAY:

Uma trajetória de vida incomum e irreverente

Em 1958, nascia Leão Abraham Azulay, na Cidade de Manaus, porém viveu maior parte de sua infância em Parintins-AM, onde desde os 9 anos de idade já demonstrava ser um menino irrequeto e audacioso, que jamais iria se contentar com pouco, conforme vamos relatar:

■ **Amazônia Judaica - Desde quando percebeste que possuas esta característica de buscar novidades e ir além de seus limites?**

♦ **LA -** Percebi desde cedo, aproximadamente aos 8 anos de idade, comecei a vender jornais e aos 9 anos vendia revistas, na porta do mercado. Geralmente meu pai ia todas as manhãs me buscar "pelas orebas", ou seja, desde criança, eu já queria um "algo mais".

■ **Qual é o teu principal objetivo de vida?**

♦ Eu sempre me preocupei em não ser vazio como um deserto, e ter que passar despercebido pelas pessoas. Sempre quis ser diferente, e não ser simplesmente "mais um na multidão"...

■ **Como vieste parar em Belém?**

♦ Nos anos 70, minha mãe mudou-se para Belém, minha mãe também demonstrava vontade de mudar-se para cá, coincidentemente, meu pai recebeu uma boa proposta de trabalho e então, viemos todos, aquela época de navio.

■ **Em Belém, foi possível realizar teus projetos pessoais de crescer e progredir?**

♦ Naquela época eu já tinha consciência que precisava viajar para o exterior (alvez Estados Unidos) ou até para outro estado para poder realizar meus sonhos. Contudo, o capital ainda era muito limitado. Então, em 1973, aproveitei para sair de

Belém, quando meu pai me ofereceu a oportunidade de estudar na Yeshivá de Petrópolis-RJ, onde lá permaneci por 3 anos.

■ **E como foi tua passagem pela Yeshivá?**

♦ No início, foi bastante difícil, não possuíamos o mesmo embasamento

do Pará, ofereceu à 3 jovens da comunidade (e eu era um deles) uma bolsa de estudos em Israel, então surgiu a minha grande oportunidade de alçar vãos mais elevados, foi quando eu percebi que havia chegado a minha vez!...

■ **O que aconteceu na "Terra Santa"?**

♦ Tratava-se de um curso de capacitação de "Li-



de hebraico e religião dos alunos de São Paulo e Rio de Janeiro, mas depois nos nivelamos...

■ **Esse estilo ousado e impetuoso foi herança de quem?**

♦ O lado prático, de realizações, seguramente vêm da minha mãe, o lado mais intelectual e filosófico, é mais paterno.

■ **O que mudou depois da Yeshivá?**

♦ Retornamos à Belém, participamos de atividades comunitárias, tais como: Grupo Juvenil Kadima, Grupo Universitário e "A Hebraica". Do ponto de vista profissional, comecei a trabalhar com imprensa. Nesse meio tempo, no ano de 1979, o Centro Israelita

deres Comunitários para a Diáspora", na Universidade do Bar-Ilan. Desde o início, percebi que não iria me adaptar, pois o regime era bastante fechado e um tanto quanto ortodoxo. Além disso, eu não me via mais voltando para Belém para ser shaliach comunitário. Ao ver a vida de Tel-Aviv, tive a certeza que estava no lugar errado, e resolvi abandonar o curso 3 meses depois de seu início.

■ **Ao perceberes que teus objetivos de vida não coincidiam com aquele curso, como fizeste para abandonar tudo?**

♦ Fui conversar com o responsável e ele foi logo dizendo que eu não receberia passagem de volta nem ajuda de custo, mesmo assim resolvi arriscar. Pedi US\$ 20 emprestado à um cole-

ga e segui para Tel-Aviv rumo a um albergue. Coincidentemente encontrei o Mair Melul (paraense) que mora lá e me levou ao consulado brasileiro. Fiz amizade com o pessoal, fui submetido a alguns testes e rapidamente arrumei emprego como auxiliar administrativo.

■ **Dai em diante tua vida finalmente decolou?**

♦ Sim, fui galgando diversas funções na Embaixada, tais como: auxiliar consular, agente de comércio exterior, fiz um concurso interno e estágio em chance-laria. Em seguida, fui transferido para diversas partes do mundo: Cairo (Egito), Genebra (Suíça), Barcelona (Espanha), Berna (Suíça) e finalmente Atlanta (EUA). Nos EUA, permaneci durante 8 anos trabalhando no correio diplomático, onde

era encarregado de transportar a mala diplomática para diversos países, precisamente viajei para mais de 40 países executando este serviço. Hoje possuo guardado todos os bilhetes de passagem como recordação. Depois, sai do Itamaraty e fui trabalhar no setor privado, mais especificamente no desenvolvimento de produtos, editoria, agência de publicidade e também com televisão.

■ **Alguma mensagem final?**

♦ Quando eu morrer, a frase que eu desejo que conste na minha lápide, além de meu nome e das datas de nascimento / falecimento é a seguinte:

"Fiz o que pude..."

Leão Azulay é publicitário (e-mail: leaoazulay@ig.com.br)

Os dez mandamentos do Leão

1 Trabalhe, trabalhe e trabalhe. De 8:00h às 12:00h e de 12:00h às 8:00h e mais se for preciso. Trabalho não mata. Ocupa o tempo. Evita o ócio que é a morada do demônio e constrói prodígios. O Brasil é um país para quem gosta de fazer, fazer e fazer.

2 Não use Rider, não dê férias para seus pés. Não sente e passe a ser analista da vida alheia, espectador do mundo, comentarista do cotidiano, dessas pessoas que vivem a dizer: "Eu não disse! Eu sabia!".

3 Distância daqueles que não sabem ansiar, não sabem perder a pose, não sabem recomeçar. Porque não sabem trabalhar. Aqueles que são incapazes de sonhar.

4 Pense no Brasil. Pensar em todos é a melhor maneira de pensar em si. É difícil viver numa Nação onde a maioria morre de fome e a minoria de medo. Mas o caos é pior.

5 Ame o seu ofício com todo o coração. Seja fascinado pelo realizar, que o dinheiro vem.

6 É melhor, o erro a omissão, o fracasso ao tédio, o escândalo ao vazio; mas por favor não jogue fora a extraordinária oportunidade de ter vivido. Está na nossa Torah: "seja quente ou frio, mas nunca morno".

7 Vive quem ousadamente vive; quem é percebido. Nunca tenha medo de ir devagar, mas não pare. Não deixe alguém incomodá-lo. Incomode. As dificuldades foram feitas para serem vencidas.

8 Senão agora quando? Se não você, quem? O único fracasso é não ter tentado.

9 Seja criativo. Crie, faça bem feito. Quando chorarem, venda lenço.

10 Leia, informe-se, tenha boas amizades, procure sempre fazer o bem, não perca os minutos de sua vida com o que nada lhe traz. O tempo - sempre ele - é o senhor das razões, vai bendizer o fruto do seu esforço, e é isso que é ter sucesso na vida.

Leão Azulay

Agenda Belém

54º ANIVERSÁRIO DA CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

Dia 16/04 – Terça-feira na Sinagoga Shaar Hashamaim às 18:30h

Programação:
Arvit solene.

Pronunciamento da Presidente do Centro Israelita do Pará. Leitura de texto de Elie Wiesel (Nobel da Paz)

Oração pela Paz e Salmos (Rabino Moisés Elmesany)

Apresentação de Canto (Simone Elmesany)

Hatikva

Encerramento com Coquetel

HILULÁ DE RABI MEYR BAAL HANESS ZY"Á

Dia 25/04 – Quinta-feira às 18:30h

Na Esnoga Eshel Abraham – Tv. Campos Sales

Na Sinagoga Shaar Hashamaim – Arcipreste Manoel Teodoro

HILULÁ DE RABI SHIMON BAR YOCHAI ZY"Á

Dia 29/04 – Segunda-feira às 18:30h

No Centro Israelita do Pará

Programação:

Arvit seguida de Meldado Seudá

Quermesse



Mimona com o Grupo Kadima

Grupo Kadima, a exemplo dos anos anteriores, reuniu na noite de Mimona grande parte de sua "galerinha", e saíram para visitar diversas famílias da "kehilá". O grupo participou ativamente da festividade e animou bastante as casas por onde passou.



O Holocausto é lembrado

Foi realizado no último dia 09 de abril a cerimônia local em recordação ao Dia do Holocausto (Yom Hashoá). Aconteceu no salão da Sinagoga Shaar Hashamaim e con-

tou com a presença de inúmeras pessoas do ishuv. O Rabino Moisés Elmesany fez a leitura do Izcór em hebraico e em português. O Grupo Kadima responsável pela organização do evento, fez uma exposição de fotos e imagens do programa "Marcha da Vida", gentilmente cedidas pelo chaver David M. Nahon.

Centro de Dança Ana Unger em noite de sucesso

Foi um enorme sucesso a reapresentação do espetáculo de dança "Pinóquio" pelo Centro de Dança "Ana Unger". As sessões estiveram lotadas e o público ficou encantado com a beleza e graciosidade das bailarinas que deram um show sobre o palco. Parabéns!



O mais novo imortal da AAL

Samuel Isaac Benchimol é o mais novo membro da Academia Amazonense de Letras. Sua posse ocorreu no último dia 11/04 em belíssima cerimônia que contou com a presença da elite intelectual amazonense, membros da comunidade e demais convidados.

A cerimônia teve início com um pronunciamento do presidente Max Carpentier, seguido pelo discurso de posse de Samuel. Este último, afirmou que encara a indicação como um reconhecimento pelo seu traba-

lho e como mais um desafio em sua carreira. Classificou o momento como um dos mais significativos de sua "aventura pelo mundo".

Após seu discurso, Samuel recebeu das mãos de Carpentier o diploma da AAL e do senador Jefferson Peres, o colar acadêmico. O amigo e poeta, Thiago de Mello, o saudou referindo-se ao novo acadêmico como: "eticamente hebreu, culturalmente caboclo" e que ele entre finalmente para a Academia, "trazendo na frente, a marca do trabalho".

Seder Comunitário

Realizado o XXX Seder Comunitário na sede de A Hebraica. Foi um grande sucesso o evento comunitário que contou com cerca de 220 pessoas. A programação do evento ficou a cargo do Shlichach Comunitário Dr. Isaac Dahan, que elaborou uma Hagadá especial para a noite. A turma da Escolinha de Manaus fez sua apresentação, sob a coordenação da professora Monique Bentes, cantando em conjunto com os presentes o "Mah Nishtanah". Participaram também do jantar, um grupo de aproximadamente 30 turistas israelenses – os denominados "mochileiros" – que todos os anos preferem passar o Pessach na capital amazonense, onde são sempre muito bem acolhidos pelo "ishuv". Parabéns aos organizadores e participantes!!!

Mimona

Mimona em Manaus foi realizada no Salão de festas da Esnoga Beit Yacov – Rebi Meyr, e contou com a presença marcante dos correligionários. Após o Arvit, a mesa estava farta e recheada de guloseimas, algumas tipicamente marroquinas como mufletas, binuelos e outras mais, além de bastante "chametz" que não poderia faltar.

Isaac Dahan fez uma breve explanação do significado de Mimona para os judeus marroquinos, que aliás são os únicos que comemoram a festa dentre os demais judeus. Em Manaus, após o Pessach, todos se reúnem na Esnoga para celebrar em conjunto a festa, diferentemente de Belém, onde as famílias reúnem-se nas casas dos avós ou pais.

Curta

- O jovem Zeev Benzaken veio de Miami para desfrutar o Pessach em família ao lado de seus pais Asher e Adele e suas irmãs Tamar e Nina. O jovem encontra-se em Miami estudando Biologia. O garoto está pensando no futuro!!
- Também visitando parentes e amigos, o empresário David Benchimol pintou por Manaus por ocasião do Pessach. Aproveitou para matar as saudades de toda a família, em especial da vovó Esther e do filho.
- De malas prontas para

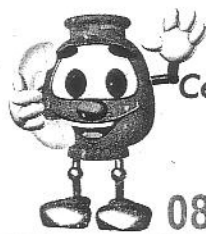
fazer Aliah (Imigração para Israel) o jovem Jayme Pazuello e sua família. Esperamos que tenham sorte, e muita paz esperando por todos na Terra Santa.

- O empresário Hermes Israel do Amaral, está lançando um novo produto no mercado amazônico, trata-se de um suco natural em embalagem tetrapack, que deverá fazer muito sucesso. O interessante no novo produto é o nome, muito criativo por sinal: "MITZ", que quer dizer "suco" em hebraico

O AZUL DO NOSSO GÁS!



FOGÁS
CONFORTO, SEGURANÇA E QUALIDADE



Central Disk
Gás
0800 92 9292

Agenda Manaus

54º ANIVERSÁRIO DA CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

Dia 23/04 – Terça-feira na Esnoga às 19:30h

Programação:

Arvit solene com toque do Shofar

Lembrança ao Dia da Recordação – Yom Hazikaron

Lembrança ao Dia do

Holocausto – Yom Hashoá

Pronunciamento dos líderes comunitários

Participação dos alunos da Escolinha
Encerramento com Coquetel

HILULÁ DE RABI MEYR BAAL HANESS ZY"Á

Dia 25/04 – Quinta-feira às 19:00h no Salão da Esnoga

HILULÁ DE RABI SHIMON BAR YOCHAI ZY"Á

Dia 29/04 – Segunda-feira às 19:30h no Salão da Esnoga